

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – DACEX
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS / INGLÊS

CARLA PRADO LIMA SILVEIRA VILELA

**LITERATURA E TRABALHO: O UNIVERSO LABORATIVO EM
PARQUE INDUSTRIAL, DE PATRÍCIA GALVÃO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA
2012

CARLA PRADO LIMA SILVEIRA VILELA

**LITERATURA E TRABALHO: O UNIVERSO LABORATIVO EM
PARQUE INDUSTRIAL, DE PATRÍCIA GALVÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientador (a): Prof. Dra. Angela Maria Rubel Fanini

CURITIBA

2012

"O amor é paciente, o amor é bondoso. (...) O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." I Co 13

A João Américo, grande Amor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos;

A você, João, presente de Deus em minha vida, que junto comigo estudou Marx e Bakhtin. Meu eterno carinho;

Aos meus familiares, perpétua fonte de valores e sustentáculo das minhas emoções;

À professora Angela Maria Rubel Fanini por, desde o princípio de minha jornada acadêmica, compartilhar comigo uma porção de sua sabedoria, além de despertar-me o gosto pelo saber; isso é mais valioso do que o ouro e a prata;

Ao quadro de professores do DACEX e do DALEM, que educaram com esmero a filha primogênita, isto é, a Primeira Turma de Letras da UTFPR;

Aos livros! Uma das mais revolucionárias obras do intelecto e do trabalho humano, fonte inefável de deleites e saberes, tecnologia eficaz que transforma mentes e corações.

Mis Libros

*Mis libros (que no saben que yo existo)
son tan parte de mí como este rostro
de sienes grises y de grises ojos
que vanamente busco en los cristales
y que recorro con la mano cóncava.
No sin alguna lógica amargura
pienso que las palabras esenciales
que me expresan están en esas hojas
que no saben quién soy, no en las que he escrito.
Mejor así. Las voces de los muertos
me dirán para siempre.*

Jorge Luis Borges

A vocês, minha vitória!

Cheguei ao ponto de me desesperar por todo o trabalho no qual tanto me esforcei debaixo do sol. Pois um homem pode realizar o seu trabalho com sabedoria, conhecimento e habilidade, mas terá que deixar tudo o que possui como herança para alguém que não se esforçou por aquilo. Isso também é absurdo e uma grande injustiça. Que proveito tem um homem de todo o esforço e de toda a ansiedade com que trabalha debaixo do sol? Durante toda sua vida, seu trabalho é pura dor e tristeza; mesmo à noite a sua mente não descansa. Isso também é absurdo.

Rei Salomão (Eclesiastes 2:20-23)

RESUMO

VILELA, Carla Prado Lima Silveira. Literatura e Trabalho: universo laborativo em *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão. 2012. Xf. Trabalho de Conclusão de Curso (Estudos Literários) – Licenciatura em Letras Português-Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Curitiba, 2012.

Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe como objetivo examinar criticamente a formalização discursiva do universo do trabalho e a problemática política e social presente na obra *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão. Considerado o primeiro romance proletário brasileiro, *Parque Industrial*, foi publicado na década de 30, e traz como temática central a luta de classes entre burgueses e proletários, com ênfase no universo do trabalho feminino nas fábricas de São Paulo. Como horizonte de referência analítica adotaram-se as reflexões de teóricos e pensadores que problematizam o universo do trabalho, como Marx (1975) e Engels (1990). No que se refere às reflexões entre literatura e sociedade, adotaram-se as concepções de Cândido (2003); quanto ao contexto político-social, buscaram-se as fontes de Luca (2001) e Iglésias (1988), e como concepção de linguagem, adotaram-se os pressupostos teóricos de Bakhtin (2010). Conclui-se que a temática do trabalho é a força motriz desse romance e, dentre as diversas profissões exercidas pelos personagens, estão presentes os seguintes ofícios: o trabalho dos policiais; o trabalho dos imigrantes nos cafezais de São Paulo; o ofício dos operários fabris das indústrias de tecidos e costura; o ofício de caixeiro; personagens em situação de lumpemproletários, exercendo a prostituição e a cafetagem; e até o universo do “não trabalho”, representado por alguns personagens da burguesia. Segundo análise teórica que se empreendeu a respeito dessas funções laborativas, o universo do trabalho em *Parque Industrial* configura-se como trabalho exploratório; trabalho alienado/estranhado; trabalho como ponte para concretização de ideologia; e o espírito de lutas das personagens militantes que, por meio das organizações sindicais do universo do operariado, intentam romper com o sistema capitalista e implantar a revolução comunista.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Romance Nacional. Universo do Trabalho. Patrícia Galvão.

ABSTRACT

VILELA, Carla Prado Lima Silveira. Literature and Labour: the labour universe in *Parque Industrial*, by Patrícia Galvão. 2012. Xf. Trabalho de Conclusão de Curso (Estudos Literários) – Licenciatura em Letras Português-Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Curitiba, 2012.

This work aims to analyze the labour universe and the political and social issues in the novel *Parque Industrial*, by Patrícia Galvão. Considered the first Brazilian proletarian novel, *Parque Industrial* was published in the 30s and has as its central theme the struggle between the bourgeoisie and the proletarians, as well as the female labour in the factories of São Paulo. Classical authors who analyze the labour universe were used, like Marx (1975) and Engels (1990). To analyse literature and society universe were used the concepts of Candido (2003), to the political and social context, were used the reflections of Luca (2001) and Iglesias (1988), and as a conception of language, were used the theoretical philosopher Bakhtin (2010). Were concluded that, the issue labour is the driving force of this novel. Among the characters analyzed here are some professions: the Police officer, the immigrant labour in the coffee plantations in São Paulo, workers in textile factories; salesman; members of "lumpenproletariat", like pimp and prostitute, and even the universe of "no labour", represented by some characters of the bourgeoisie. According to theoretical analysis about these professions, the labour universe in *Parque Industrial* can be classified as: exploratory; alienated; labour as a means to exert an ideology; and, finally, the workers' attempt to fight against, through labour organizations, want to break with the capitalist system and install the communist revolution.

Keywords: Brazilian Literature. Nacional Novel. Labour Universe. Patrícia Galvão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO E DELIMITAÇÃO.....	10
1.2 OBJETIVOS.....	11
1.2.1 Objetivo geral.....	11
1.2.2 Objetivos específicos.....	11
1.3 JUSTIFICATIVA.....	12
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
1.5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
1.5.1 Referencial teórico para o mundo do trabalho.....	14
1.5.2 Referencial teórico no que tange à literatura e à sociedade.....	15
1.5.3 Referencial teórico na área da linguagem.....	15
1.6 REVISÃO DE LITERATURA.....	16
2 A VIDA DO AUTOR.....	18
2.1 INTRÉPIDA PATRÍCIA: UMA REBELDE COM CAUSA.....	18
3 PARQUE INDUSTRIAL: ROMANCE PROLETÁRIO.....	23
4 O UNIVERSO DO TRABALHO EM PARQUE INDUSTRIAL.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXOS.....	46

1 INTRODUÇÃO

Já afirmava Engels (1990) que o trabalho é a condição básica e fundamental de toda vida humana e, por meio da atividade laborativa, o indivíduo modifica a si próprio e a sociedade ao seu redor. Para isso, o homem vale-se de todo o seu corpo para transformar a matéria natural em valor de uso para si; por meio do trabalho, forja a natureza para satisfazer as próprias necessidades em uma organização social. Ao modificar a natureza, por meio do trabalho, o homem se modifica ontologicamente, e a atividade laborativa humana, que é mediada pela consciência, rompe com os limites do instinto natural humano e subordina a matéria a própria vontade. Nesse viés, dialogando com o teórico alemão, atentar para essa atividade tão fundamental na vida da humanidade consiste em grande relevância. O trabalho, e o que compõe o seu universo, pode ser analisado sob diversos ângulos e em variadas fontes, todavia, o foco aqui se dará em um dos ofícios artísticos de grande expressão produzidos pelo homem: a literatura.

Essa temática de estudo, literatura e trabalho, bem como outras formações discursivas, é o carro chefe da Linha de Pesquisa “Representação discursiva do universo da tecnologia e do trabalho em textos literários e de comunicação”, linha do Grupo de Pesquisa “Formações discursivas sobre tecnologia e trabalho”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – PPGTE – área interdisciplinar da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, do qual a proponente deste Trabalho de Conclusão de Curso faz parte.

Essa área de estudos tem como foco de concentração pesquisas referente à Tecnologia e Sociedade, temáticas concebidas como indissociáveis. É a partir do trabalho, imbricado com a técnica, que o homem constrói a si próprio enquanto sujeito e constitui-se como ser social. Tecnologia e trabalho não podem ser dissociados da vida humana, uma vez que, segundo o conceito de Ruy Gama (1986), a tecnologia é a ciência do trabalho produtivo e, por isso, abrange um universo muito maior, que ultrapassa a instrumentalidade, pois engloba as dimensões políticas, econômicas e sociais. Perquirir esse universo, portanto, contribui para um posicionamento crítico do autor e leitor frente às questões de trabalho, tecnologia e sociedade, pois os discursos presente nas formações discursivas, como nos textos literários, textos jornalísticos, históricos e/ou filosóficos,

podem emancipar ou alienar. Assim, torna-se pertinente ampliar as pesquisas concernentes ao mundo do trabalho, da tecnologia e sociedade na formação discursiva literária, como se intenta aqui neste trabalho.

Como um fato cultural, a literatura, enquanto objeto estético e representativo dos diversos saberes humanos, tem sua importância primeiramente como fonte de deleite e lazer e também como atividade de formação e informação. É por meio dela que toma-se conhecimento de outras visões de mundo e torna o sujeito mais reflexivo e crítico. Contudo, longe de ser imparcial, a literatura também cumpre o papel de formadora de ideologias, à medida que os aspectos ideológicos do texto dialogam com os do leitor. Por isso, o que se pretende com este trabalho é refletir acerca de como o intelectual da palavra, o escritor, problematiza, reflete e refrata¹ parte da realidade que está em seu entorno, ou seja, como ele assimila o mundo extra-literário e o representa no discurso ficcional. E o universo do trabalho na literatura é o que nos interessa.

1.1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO E DELIMITAÇÃO

A obra que se adotou para analisar o universo do trabalho é *Parque Industrial*, da escritora e jornalista Patrícia Galvão, popularmente conhecida como Pagu. Publicado em 1933, *Parque Industrial* é conhecido como o primeiro romance proletário brasileiro, além de ser uma obra representativa do trabalho da década de trinta, visto que retrata parte da realidade fabril, da mão de obra imigrante, do ofício policial, do comportamento burguês e as lutas de classes desse período, haja vista a autora intentar desenvolver uma literatura pafletária de caráter comunista. Nesse passo, propõe-se então lançar um olhar questionador e crítico, bem como sistematizar, com base nos referenciais teóricos adotados, a questão laborativa nessa literatura, publicada em uma década tão importante para a história do trabalho no Brasil.

¹ Para o filósofo russo Bakhtin (1986), os signos refletem e refratam o mundo e, por meio deles, podemos apontar para uma realidade que lhes é externa, mas o fazemos sempre de modo refratado, isto é, com os signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos diversas interpretações (refrações) desse mundo. Logo, não é possível atribuir significado sem refratar.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVOS GERAIS

Propõe-se perquirir e sistematizar a formalização discursiva do universo do trabalho no romance proletário *Parque Industrial*, publicado em 1933, de autoria de Patrícia Galvão.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O contexto político, social e histórico da década de 30, marcado por revoluções políticas, ascensão industrial e o aumento da mão de obra no trabalho fabril, bem como a intensificação das revoltas proletárias em decorrência das explorações capitalistas, torna-se propício para analisar as mudanças no universo laboral na formação discursiva literária. Busca-se, portanto, verificar na obra *Parque Industrial* como foi contruída a identidade dos personagens trabalhadores, a partir de seus ofícios, à luz dos teóricos adotados.

Para tanto, selecionou-se as personagens cujo trabalho apresenta maior representatividade na obra, como a figura dos policiais; o trabalho dos imigrantes nos cafezais de São Paulo; o ofício dos operários fabris das indústrias de tecidos e costura; o ofício de caixeiro; personagens em situação de lumpemproletários, exercendo a prostituição e a cafetagem; e até o universo do “não trabalho”, representado por alguns personagens da burguesia. Assim, analisaram-se as relações entre patrão e empregado; as motivações das lutas de classes; a condição do sujeito em situação de lumpemproletário; o universo burguês de exploração e como isso reflete no trabalho dos explorados e a relação do trabalhador x máquina.

Nesse viés, objetiva-se também colaborar com as Ciências Humanas a partir do mapeamento do universo do trabalho - em diálogo com o seu entorno - na literatura em questão, para que os estudos e reflexões acerca dessa temática, tão pouco explorada no contexto literário nacional sejam ampliados e sistematizados. Da mesma forma, pretende-se também colocar à disposição da crítica literária esse tema inovador, para que as pesquisas sobre o mundo do trabalho se consolidem.

1.3 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa torna-se relevante no contexto das Ciências Humanas, primeiramente, porque, especialmente no Brasil, não há investigações suficientes que se debrucem sobre as articulações referentes ao mundo do trabalho no campo da literatura, o que torna inédito o caráter desse estudo no Brasil. Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso visa a dar continuidade a essa pesquisa em um romance da literatura brasileira em que há a representação dos trabalhadores em diálogo constante com o universo social em que vivem. Compreender como o escritor faz migrar para o interior do texto literário parte da realidade que o cerca, em uma época tão importante para a história do trabalho no Brasil, construindo uma determinada identidade para o trabalhador é de suma importância ser pesquisado, pois o trabalho, como afirma Engels (1990), é condição básica de toda vida humana e meio pelo qual o homem transforma a si próprio e a sociedade ao seu redor. Nessa perspectiva, sem o trabalho, isso não seria possível.

Justifica-se também essa pesquisa porque, levantar o mapa da história do trabalho em mais uma obra de nossa literatura nacional, é também uma atitude política, pois, com a socialização das pesquisas, por meio de publicações e outras formas de divulgação, torna-se propício para que os leitores, não apenas do âmbito acadêmico, possam repensar como o trabalho é concebido em nossa literatura, seja ele emancipador, alienado, de caráter exploratório ou precarizado. Assim sendo, objetiva-se que esses leitores desenvolvam uma mentalidade crítica em relação à atividade laboral que, contemporaneamente, encontra-se em grande parte como um objeto e pretexto para o consumo desenfreado. Ou seja, a centralidade encontra-se no produto e não no processo de produção, o que também é uma das causas das alterações sociais.

Por fim, justifica-se também esse estudo porque apresenta, além do aspecto literário, um caráter interdisciplinar, à medida que ao tratar de um assunto como o universo do trabalho, tema que pode ser investigado de diversas formas, em um diálogo constante com o contexto histórico da década de 30, contribui-se de forma multidisciplinar para com outras ciências, tais como a sociologia, a história, a filosofia e a economia. E, a maneira como essas ciências concebem o trabalho e a figura do trabalhador na sociedade capitalista, influenciam o Estado, a sociedade e o próprio

trabalhador, haja vista os discursos institucionais serem produtores de sentido. Quanto à arte literatura, todavia, a quantidade de material que trate sobre esse assunto é escassa, o que não acontece nas ciências citadas, que já apresentam fartos estudos sobre essa temática.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por se tratar de uma pesquisa teórica, a atenção se dará, portanto, no levantamento bibliográfico, na leitura, no aprofundamento dos conhecimentos e nas discussões sobre a presente temática de estudo, que é trabalho e literatura. Dessa forma, inicialmente será feita a releitura da obra já referida, que é o foco de análise desta pesquisa - uma vez que apresenta além da figura do trabalhador, um panorama político e social da época em que foi escrita - para traçar um perfil geral dos aspectos composicionais do texto. Ao passo em que acontece a leitura crítica da obra, continuar-se-á a suceder os encontros semanais com a professora orientadora desta pesquisa, a fim de que se reflita em conjunto acerca do andamento do trabalho. Nesses encontros, leem-se e discutem-se teóricos e estudiosos que tratam do mundo do trabalho, como Marx (1975), Engels (1990), Iglésias (1988), para que as ideias se consolidem e sejam aplicadas à análise de obras literárias. Discutem-se também as reflexões e as obras dos pensadores que tratam da linguagem e das articulações entre literatura e sociedade.

Na sequência, ler-se-á parte do material acadêmico que já foi publicado sobre *Paque Industrial*, para se desenvolver um panorama das pesquisas sobre esse romance; também estudar-se-á outros escritos que tratam da obra e da vida da autora, como *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão* (2005), escrito pela própria autora na década de 40, em que ela revela pistas sobre o que a motivou a escrever o romance alvo deste estudo e como a autora se “relacionava” com o contexto político-social que a cercava. Escritos de crítica literária também são de grande contribuição para se aprimorar o estudo, como *Pagu Literatura e Revolução* (2003), de autoria de Thelma Guedes, sobre o primeiro romance proletário brasileiro.

1.5 REFERENCIAL TEÓRICO

1.5.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PARA O MUNDO DO TRABALHO

Como horizonte teórico para dar substancialidade a este estudo, no que tange ao mundo do trabalho adotaram-se as reflexões de teóricos que concebem o trabalho como dimensão ontológica e histórica, bem como legalidade autocontrutiva do homem em interação com a natureza, como Marx (1975), que apresenta obra destinada a compreender a força motriz do capitalismo e das relações de trabalho. Em *O capital*, a qual iremos parcialmente nos debruçar, entre outras obras do autor, Marx concebe o trabalho como elemento mediador entre o homem e a natureza e também como forma através da qual o homem relaciona-se e interage com o meio no sentido de constituir a sua própria condição de existência. Assim, graças ao trabalho, o homem conseguiu dominar em parte as forças da natureza, colocando-as a seu serviço.

Nessa mesma perspectiva, ler-se-á Engels (1990), para quem a história da humanidade é a história das lutas de classes e o trabalho é ação deliberada do homem sobre o meio, dirigido pela consciência. Parceiro intelectual de Marx, Engels trata da legalidade da categoria trabalho no movimento autoconstrutivo do tornar-se “humano” do homem. Dessa forma, o trabalho é visto como fundamental para a existência e protagonista no processo de evolução humana, isto é, a atividade laboral é a primeira condição básica para toda a existência humana, e isso em tal extensão que, em determinado sentido, o trabalho criou o próprio homem.

Quanto aos aspectos da transformação da matéria-prima pelo homem e a passagem da produção artesanal para industrial até chegar a um Brasil industrializado no século XX, adotaram-se as reflexões do historiador brasileiro Iglésias (1988), no que tange à história econômica e social brasileira. Nessa mesma linha, Fausto (1983), historiador e cientista político, trabalha com a formação do movimento operário nos grandes centros urbanos, analisando as condições materiais de existência, o mundo do trabalho, a mentalidade coletiva, sempre levando em consideração o estudo do sujeito em interação com o meio em que vive.

1.5.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA NO QUE TANGE À LITERATURA E À SOCIEDADE

Concebemos que o escritor, ao dar voz aos seus escritos, posiciona-se de um determinado lugar, em determinada época e sempre tem em mente um interlocutor, seja ele específico ou não. Dessa forma, não há como o intelectual da palavra não refratar parte da realidade social que o cerca, por isso a literatura e a sociedade estão articuladas e a palavra é refletida pelas lentes do escritor, pautada pela sua visão ideológica de mundo. Nesse ínterim, faz-se necessário pensar criticamente o contexto social, haja vista este ser o nicho de onde parte a palavra a ser registrada no discurso ficcional.

No âmbito da crítica literária no Brasil, destacam-se as reflexões de Cândido (1976), de quem adotou-se parte da obra para pensar acerca dos elementos externos que se tornam internos ao texto, visto que a literatura não filtra a realidade do mundo como instância explicativa, mas sim, reflete em parte a realidade como uma recriação do real. Segundo o crítico literário, o aspecto da realidade que uma obra exprime, ou seja, os fatores extraliterários, não podem ser dissociados das operações formais postas em jogo, isto é, dos aspectos internos que garantem a autonomia da obra literária. É na dialética entre os componentes externos e os internos que se articula o discurso literário:

(...) só a podemos entender (a obra literária) fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto interno. (CANDIDO, 1976, p. 5 - 6.)

Seguindo-se essa abordagem, verificou-se como ocorrem as contradições e interações entre o externo e o interno, constituindo-se o texto literário não como espelho, mas em diálogo permanente com seu entorno.

1.5.3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA NA ÁREA DA LINGUAGEM

A concepção de linguagem para nortear esta pesquisa, segundo a perspectiva materialista da linguagem, será os pressupostos teóricos de Bakhtin (1986), especialmente a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, em que o filósofo russo discorre sobre o signo linguístico e suas reflexões e refrações do real, mediadas entre o sujeito e o objeto. Outro ponto forte a se trabalhar na narrativa são as relações entre linguagem e dialogismo, pois, para Bakhtin, o dialogismo parte do princípio linguístico segundo o qual todo ato de linguagem sempre leva em conta a presença, ainda que invisível, de alguém para quem se fala ou escreve. Tudo o que se diz ou se escreve é criado tendo em vista, ainda que subconscientemente, um interlocutor; por isso, todo ato de linguagem participa, mesmo que em pequeno grau, da intenção de convencer, de persuadir, de imaginar e prever as possíveis reações do leitor. Assim, todo enunciado verbal, desde o mais simples ao mais complexo é essencialmente dialógico porque se realiza mediante as interações sociais.

1.6 REVISÃO DE LITERATURA

O levantamento do universo do trabalho na literatura, por não ser sistematicamente estudado, torna inovador o caráter desta pesquisa. Portanto, levantar-se-ão aqui alguns escritos que mais se aproximem do assunto proposto, visto que *Parque Industrial* é uma obra que foi bastante estudada, mas não o suficiente para limitar futuras pesquisas.

Silva (2007), pela Universidade Estadual de Feira de Santana, desenvolveu dissertação de mestrado em torno da obra em questão, a qual intitula-se *Escrevendo com o corpo: paixão Pagu e a experimentação revolucionária de Parque Industrial*. Aqui a autora propõe-se a analisar as características de produção de *Parque Industrial* levando em conta as dimensões da militância política da escritora.

Viana (2009) publicou artigo na *Revista Intercâmbio* da PUC/SP, intitulado *Análise discursiva do trabalho feminino em Parque Industrial*, cujo foco de análise se pauta nos percursos semânticos intradiscursivos de alguns segmentos que

tematizam o trabalho da mulher no romance. Outro artigo sobre a obra é *As representações da violência em Parque Industrial, de Patrícia Galvão*, de autoria de Higa (2008), publicado na *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, da Universidade Federal de Santa Maria; aqui a autora apresenta um paralelo entre a vida de Pagu e sua obra ficcional.

Também foi publicado sobre *Parque Industrial*, nos anais do XI Congresso Internacional da Abralic, *Pagu: mulher e intelectual* de autoria de Azevedo & Rodrigues (2008). Neste estudo, as autoras discorrem sobre a postura intelectual e ativista de Pagu, tendo como pano de fundo o romance em questão. Rodrigues (2009) deu continuidade aos estudos sobre Pagu em sua dissertação de mestrado, pela Universidade Federal de Uberlândia, a qual se intitula *Parque Industrial de Patrícia Galvão: engajamento político e projeto estético*, em que a autora propõe-se a analisar o romance operário vinculado ao modernismo brasileiro, em especial a semana de 22 e a década de 30.

Há também publicações internacionais como, *Rosa y Rosinha: Dos etapas en la evolución ideológica y personal de la disidencia en Patrícia Galvão*, publicada na *Crisolenguas, Revista Electrónica de la Universidad de Puerto Rico*, em que a autora Babineaux (2008), analisa a influência da antropofagia cultural e a vida de Pagu em relação às personagens femininas em dois romances de Patrícia Galvão, *Parque Industrial* e *A famosa revista*. Outra publicação internacional é de Lobo (2001), *Patrícia Galvão's vision of women's cooperation in Parque Industrial*, publicada nos anais do congresso *Lasa Conference Papers*, em Miami. Neste artigo, Lobo levanta um interessante aspecto: de que no Brasil, país com uma das piores distribuições de renda no mundo, apenas uma parcela mínima da crítica literária dedica-se às questões políticas e propagandistas na literatura. Discute ainda que, dentre tantos escritores nacionais que não são intelectuais orgânicos, segundo a concepção gramsciana (1982), poucos escrevem sobre o trabalhador e o proletário. As exceções, segundo Lobo (2001), seriam Clarice Lispector, Adélia Prado e Marilena Felinto.

Por fim, uma das últimas publicações internacionais que se encontrou é *Discardable Discourses in Patrícia Galvão's Parque Industrial*, de autoria de Owen (1996), e publicado nos arquivos digitais da Universidade de Nottingham, em que a autora apresenta um paronama dos discursos das operárias da indústria, uma das temáticas do livro, em paralelo com análise política do contexto da época.

2 A VIDA DO AUTOR

2.1. INTRÉPIDA PATRÍCIA: UMA REBELDE COM CAUSA

A íntima missiva que Patrícia Redher Galvão destina a Geraldo Ferraz em 1940, após os quatro anos de liberdade ceifada em razão da militância comunista, destila o âmago emocional da autora, em um tom íntimo e confessional. Publicada só em 2004 pelos filhos Rudá de Andrade e Geraldo Galvão Ferraz², leva o título de *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. Todavia, Patrícia não a escreveu com a intenção de expôr suas entranhas ao público, mas sim, de revelar ao homem de sua vida o que se passou nos recôndidos de sua mente e espírito.

Mulher plural, de personalidade intrépida e indômita, Pagu³ escandalizou parte da sociedade burguesa pseudo-conservadora dos anos 30 e 40 por, além de cometer algumas extravagâncias para a época, como fumar na rua e dizer palavrões, também por ter a hombridade de praticar as suas convicções e ideais, especialmente no campo político. Essa ousadia, além de críticas, rendeu-lhe futuras deferências, como a poesia *Coco de Pagu*, de Raul Bopp⁴, a canção *Pagu*, de Rita Lee⁵ e a obra do sofisticado crítico Augusto de Campos, intitulada *Pagu vida-obra*.⁶

Nas linhas e entrelinhas deste documento pessoal, a carta, revela-se uma Pagu distinta daquela jovem “porra-louca” e exibicionista com que os discursos e os oposicionistas a cristalizaram: descortina-se uma mulher que se sacrificava pelas causas as quais cria valer a pena.

Longe de justificarmos a análise da obra pela biografia do escritor, cremos ser importante atentar para os documentos pessoais da autora, uma vez que ali são revelados os motivos que a levaram a adentrar na militância pela causa operária e dar à luz seu primeiro romance, *Parque Industrial (1933)*, obra que escolhemos para

² Rudá de Andrade (1930 – 2009), cineasta e escritor, filho de Patrícia Galvão e Oswald de Andrade. Geraldo Galvão Ferraz (1941), jornalista, crítico literário e tradutor, filho de Patrícia Galvão e Geraldo Ferraz.

³ Alcinha conferida a Patrícia Galvão pelo poeta modernista Raul Bopp.

⁴ Trecho da poesia *Coco de Pagu*, de Raul Bopp: “Pagu tem os olhos moles, uns olhos de fazer doer. Bate-côco quando passa. Coração pega a bater. (...) Passa e me puxa com os olhos provocantíssimamente. Mexe-mexe bamboleia pra mexer com toda a gente.”

⁵ Trecho da canção *Pagu*, de Rita Lee: “Não sou atriz, modelo, dançarina. Meu buraco é mais em cima. Porque nem! Toda feiticeira é corcunda. Nem! Toda brasileira é bunda. Meu peito não é de silicone. Sou mais macho que muito homem”.

⁶ CAMPOS, A. *Pagu vida-obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982. Nesse livro, fruto de anos de pesquisa, Augusto de Campos apresenta um panorama amplo da vida de Patrícia Galvão, como a coletânea das suas intervenções literárias, textos, reportagens e fotos sobre a vida da militante.

analisar o universo do trabalho. Além disso, a prática literária nos permite lançar novos olhares sobre o já dito, pois os discursos, por serem plurissignificativos, carregam em si diversificadas facetas, que podem ser atestadas em relação ao texto autobiográfico, isto é, a pessoa dissertando sobre si própria, bem como sobre o ponto de vista de terceiros discorrendo sobre alguém. Por isso, também não tomamos a autobiografia como verdade inquestionável da pessoa sobre ela própria, mas sim, como narrativa memorialística, mais uma versão dos fatos para complementar os “já ditos”. Para o autor das próprias experiências pessoais, a autobiografia é a verdade do seu mundo e ao se misturar com a observação dos elementos externos ao autor, acaba por se tornar heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade.

Pagu sempre achou sua vida trágica. Essa afirmação pode ser corroborada pelas numerosas desventuras narradas em suas confissões: engravidou precocemente, sofreu dois abortos, passou por inúmeras decepções afetivas e amorosas além de tentativas de suicídio. Nascida em 1910, em São Paulo, morou alguns anos no bairro proletário Brás, sob condições econômicas precárias, embora vivesse no seio de uma família de mentalidade pequeno-burguesa que inadmitia a própria pobreza:

Morei no Brás até os 16 anos. Numa habitação operária com os fundos para a tecelagem Ítalo-Brasileira, num ambiente exclusivamente proletário. Sei que vivíamos economicamente em condições piores que as famílias vizinhas, mas nunca deixamos de ser os fidalgos da vida operária. (GALVÃO, 2005, p.56)

Patrícia Galvão aspirou a atmosfera proletária fabril e cafeeira que a cercava. Presenciou parte da rotina operária das fábricas de papéis, de vidros, as fundições, as tinturarias, as manufaturas de roupas e chapéus, que compunham o pitoresco quadro urbano da maior cidade brasileira, ao som dos motores e das máquinas em movimento. Todavia, sabemos que o horizonte de mundo de um indivíduo só adquire criticidade à medida que emerge da aldeia limitada em que se encontra, e dialoga com universos distintos aos quais vive. Assim, nessa época Pagu não tinha intenções de militância política, não compreendia a questão das lutas de classes; o seu universo era o Brás e a verdade da vida era a do trabalho, a das fábricas, a dos proletários remunerados insuficientemente pela força laboral que exerciam. Além disso, afirma ter sido muito egocêntrica para preocupar-se com a causa dos

infelizes. Na adolescência, passa a frequentar as manifestações artístico-culturais de São Paulo, como o Movimento Antropofágico. As recentes companhias e o conhecimento de um novo universo cultural e literário, despertaram na jovem um certo senso crítico quanto ao social.

Nesse ínterim, conhece Oswald de Andrade. Namoram. Casam-se. Até então, Pagu ainda tinha uma visão romântica da vida. Grávida de Rudá, às vésperas de ter o bebê, Oswald revelava com a maior naturalidade os diversos casos extra-conjugais que possuía. Pagu sofria calada, pois logo teria um filho e queria evitar complicações sociais. Assim, vivia de aparências para sustentar o esnobismo do marido, o que contribuiu para que também a sociedade formalizasse uma imagem dela que não condizia com a essência da escritora, segundo seu próprio parecer:

A concepção materialista da vida e o ambiente que considerava anormal toda a espécie de sentimento concorreram para que eu, ocultando bem lá no fundo a natureza pura, deixasse para a admiração de Oswald e seus colegas a camada superficial construída por mim, que ia se aprofundando sem que eu mesma sentisse, à força do hábito. Se você pudesse avaliar, meu amigo, a tortura que eu me impunha para alimentar um esnobismo grosseiro. (GALVÃO, 2005, p.66)

Pagu afirma que toda a necessidade de luta em sua vida, surgiu ativando a revolta latente da própria insatisfação. Começa a brotar o desejo de entregar-se a um grande ideal à altura da oferta de sua vida. Passa a atentar para os infelizes ao seu redor e para a miséria alienante em que viviam, por não terem consciência da própria condição.

Já envolvida com o universo comunista, viaja para Buenos Aires a fim de levar uma carta a Luís Carlos Prestes, que ali estava exilado. Na capital argentina, embora não conseguindo encontrar o *cavaleiro da esperança*, conhece o grupo da vanguarda intelectual e comunista portenha, como Jorge Luis Borges e Victoria Ocampo. Ao retornar ao Brasil, trouxe na mala muitos livros marxistas e materiais editado do Partido Comunista Argentino. Posteriormente, viaja com Oswald a Montevideú. Lá, realmente conheceu Prestes:

Conversamos três dias e três noites, num cafezinho fechado e deserto. (...) E fiquei conhecendo a grandiosidade de uma coisa até então desconhecida para mim – o espírito de sacrifício. Prestes mostrou-me concretamente a abnegação, a pureza de convicção. Fez-me ciente da verdade revolucionária e acenou-me com a fé nova. A alegria da fé nova. A infinita alegria de combater até o aniquilamento pela causa dos trabalhadores, pelo bem geral da humanidade. Disse acenou-me, apenas, porque a fé, em toda a sua extensão, só mais tarde tomou conta absoluta de minha pessoa. (GALVÃO, 2005, p.75)

Ao encantar-se com a figura de Prestes e com a filosofia comunista, Pagu empreende seus estudos sobre a doutrina marxista e passa a frequentar o universo sindical comunista dos camaradas. Sua entrega foi total. Como consequência, Pagu sofreu privações do filho, espancamentos, prisões⁷ e, segundo exigência do partido, se proletarizou. Trabalhou em ofícios diversos: foi costureira, empregada doméstica, catadeira, indicadora de cinema e até metalúrgica. Neste último, labutou a ponto de se machucar por levantar excesso de peso:

Querendo terminar logo o serviço, quis carregar um peso grande demais para minhas forças. Ao erguê-lo, senti uma dor aguda e intensa. Tão intensa que rolei com o tabuleiro. Sofrera com o esforço um desvio de útero. Não pude continuar a trabalhar. (GALVÃO, 2005, p.107)

Após problemas de saúde em razão do acidente de trabalho, Pagu passou a trabalhar intelectualmente pela causa comunista, daí nasceu *Parque Industrial*, primeiro livro da militante e cujo propósito era levantar a bandeira da causa que acreditava, pois não tinha confiança em seus dotes literários:

Pensei em escrever um livro revolucionário. Assim, nasceu a ideia de *Parque Industrial*. Ninguém havia ainda feito literatura neste gênero. Faria uma novela de propaganda que publicaria com pseudônimo, esperando que as coisas melhorassem. (GALVÃO, 2005, p.112)

Mas tarde, trabalhando como jornalista, empreende sua viagem pelo mundo, enviando reportagens para jornais *Correio da manhã*, periódico carioca e o paulistano *Diário da noite*. Na viagem, passou pelos Estados Unidos, Japão, China, Rússia, Alemanha. Travou contato com pessoas ilustres, como Sigmund Freud e o imperador chinês Pu-Yi. É com este que consegue as sementes de soja, a pedido de Raul Bopp, que iniciam a cultura do cereal no Brasil.

⁷ Patrícia Galvão foi a primeira mulher brasileira a ser presa por razões políticas.

De volta à terra Tupiniquim, Patrícia sofre prisões em razão dos levantes comunistas. Após ser liberta, casa-se em 1940 com Geraldo Ferraz. Trabalha como jornalista, escreve contos, crônicas e o seu segundo romance: *A famosa Revista*, em 1945, em parceria com o marido. Com a saúde debilitada em razão de um câncer, viaja à França para se submeter a uma cirurgia. Sem sucesso, retorna ao Brasil e falece em Santos, dia 12 de dezembro de 1962.

3 PARQUE INDUSTRIAL: ROMANCE PROLETÁRIO

Esse opúsculo, publicado em 1933, traz como tema central a opressão do pobre sob o jugo da mão capitalista e a conseqüente luta de classes, especificamente o universo proletário urbano feminino de São Paulo. Apresenta perspectiva documental, linguagem um tanto revoltada e, apesar de ser classificado como um romance, o objetivo maior dessa novela é fazer denúncia social por meio das letras e transformar não apenas a sociedade civil, mas além, a humanidade social, por meio do *novo materialismo*.

A novela, financiada por Oswald de Andrade que, no mesmo ano publica *Serafim Ponte Grande*, é caracterizada como o primeiro romance proletário brasileiro⁸ (Anexo A), segundo Geraldo Ferraz e a própria autora que, ao idealizar *Parque Industrial*, afirma: “Ninguém havia ainda feito literatura neste gênero. Faria uma novela de propaganda que publicaria com pseudônimo” (GALVÃO, 2005, p.112). A anonimidade adotada por Pagu em *Parque Industrial* é “Mara Lobo”, devido à exigência do Partido Comunista, ao qual se filiara em 1931.

Acerca da estética literária do romance, afastada de toda eloqüência romântica, ecoa como trabalho inédito para a época; todavia, constata-se que a musa antropofágica inspirou-se no ineditismo modernista de uma figura “familiar”, célebre pelo abstracionismo geométrico de seus escritos:

A influência de Oswald sobre *Parque Industrial* é detectável, desde o plano macroestético da estrutura da obra até o nível microestético dos arranjos frásicos, entrando pela seleção vocabular e não deixando sequer escapar os recursos à metonímia e ao *readymade* linguístico. A técnica é oswaldiana de extração cinematográfica, operando por uma sintaxe de justaposição direta dos fragmentos que, reunidos, criam os contextos. (CAMPOS, 1982, p.20)

É verídico. Em *Parque Industrial*, as cenas são breves, objetivas, e a narrativa sofre cortes bruscos. As cenas sexuais são apresentadas sem rodeios ou enfeites estéticos. Ausente de romantismo, as descrições são secas e não gastam tempo em lucubrações. Entretanto, diferentemente da obra do modernista de vanguarda, que é

⁸ Em anexo encontra-se uma cópia da capa original, desenhada pela autora, em 1933.

evidenciada pela pintura de quadros literários espontâneos e originais, em *Parque Industrial* é perceptível certa imaturidade literária, com personagens que beiram o caricatural, bem como a presença excessiva de clichês político/partidários.

Apesar dessas evidências literárias, a narrativa pode ser considerada um marco na literatura brasileira engajada e um manifesto acerca das classes sociais de São Paulo dos primórdios do século XX e se sustenta pela própria ousadia e historicidade. Há de considerar também, a incipiência da autora em uma narrativa de maior fôlego, se comparada aos contos e crônicas que produzia, bem como o momento de empolgação ativista em que vivia, no auge de seus 22 anos.

Sumariamente, a novela narra o dia a dia das operárias fabris paulistanas do bairro Brás; as misérias e explorações porque passam, por inexistirem na prática leis trabalhista e/ou qualquer direito para o empregado. Segundo Geraldo Galvão Ferraz, na apresentação do livro, a obra foi “Um escândalo! Como alguém poderia dizer tantas verdades por linha, denunciando a vida dos humilhados e ofendidos⁹ da sociedade paulistana?” (GALVÃO, 2006, p.8).

É composto por 17 capítulos curtos, dos quais o primeiro é o que introduz o assunto no qual gira todo o romance: “Da estatística industrial do Estado de São Paulo 1930.” É um excerto de reportagem, assinada por Aristides do Amaral, diretor, sobre a economia fabril das primeiras décadas do século XX e as variações pela qual o sistema capitalista passou. Após esse breve excerto, o capítulo é encerrado em um tom de revolta, com a seguinte denúncia:

A estatística e a história da camada humana que sustenta o parque industrial de São Paulo e fala a língua deste livro encontram-se, sob o regime capitalista, nas cadeias e nos cortiços, nos hospitais e nos necrotérios. (GALVÃO, 2006, p.16)

Além da opressão do Estado sobre o miserável, há a sátira ao feminismo burguês e a necessidade de as mulheres proletárias despertarem enquanto grupo social para o seu verdadeiro poder de mobilização, pois a organização da prole é o cerne do movimento sindical. Por isso, a obra é considerada um manifesto, isto é,

⁹ Lembramos que há um romance de Dostoiévski intitulado *Humilhados e ofendidos*, publicado em 1861, em que o escritor russo retrata a crua realidade e as mazelas das classes desprestigiadas, perseguidas em razão de sua condição social e econômica.

gênero caracterizado por ser uma declaração pública das razões que justificam certos atos ou fundamentam certos direitos.

No elenco de personagens, há alguns que são isentos de consciência de classe e/ou de reflexão sobre a própria miséria e há os militantes pela causa proletária. No entrevero do romance, algumas proletárias levantam a “foice o e martelo” na tentativa de conscientizar seus semelhantes e fazê-los enxergar o quão oprimidos estão pelo capitalismo e a necessidade de eles, unidos, transformarem o mundo por meio da *praxis revolucionária*. Ou seja, intentam seguir a ordem marxiana: “Proletários de todos os países, uni-vos!”.

As personagens que analisaremos no universo do trabalho, são:

- **Rosinha Lituana:** Imigrante da Lituânia, orfã, trabalha desde os 12 anos em uma fábrica de tecidos. Conhece o mecanismo de exploração capitalista e torna-se militante pelo Partido Comunista. Ao fazer greve é despedida. Arruma emprego em outra fábrica. É denunciada para a polícia como uma das mentoras da greve, por um colega proletário. É presa.
- **Otávia:** Amiga de Rosinha trabalha em um ateliê de costura. Também combatente pela causa proletária, mimeografa manifestos com a colega. Em razão das revoltas comunistas, fica seis meses presa. Após ser solta, arruma emprego em uma padaria e continua a militar. Namora Alfredo, porém, ao descobrir que ele é trotiskista, o abandona.
- **Corina:** É mulata e trabalha em um ateliê de costura. Passa fome, pois o padraastro rouba-lhe o dinheiro para gastar em bebidas. Ilude-se com Arnaldo, o amante burguês que a abandona ao descobri-la grávida. É despedida por ser mãe solteira. Desnorteada com a própria situação passa a prostituir-se. A criança nasce doente e Corina teme que tenha o mesmo destino dela. Mata o filho e vai presa. Ao ser liberta volta para a prostituição, principalmente para saciar a fome.
- **Eleonora:** Moça simples do Brás, é normalista e noiva do burguês Alfredo. Ao casar “adentra as portas de ouro da grande burguesia”. Maravilha-se com os luxos, as jóias, as comidas e bebidas. Vive frivolamente e detesta o marido por este não querer parasitar na elite burguesa e por simpatizar com a causa proletária.

- **Alfredo Rocha:** Moço rico casa-se com Eleonora pensando ser ela uma moça de valores nobres. Passa a ler os escritos marxistas, simpatiza com a causa operária e se proletariza. Separa-se de Eleonora e namora Otávia, que admira pela força e firmeza de ideais. Todavia, pende para o socialismo burguês e Otávia rompe com ele.
- **Pepe:** É caixeiro de camisaria. Gosta de Otávia. Pepe trai a sua classe ao denunciar Rosinha para a polícia em troca de dinheiro.
- **Policiais:** Constantemente a serviço da burguesia estão presentes onde há manifestações do operariado lutando por seus direitos, como nas greves e nas reuniões sindicais.

4 O UNIVERSO DO TRABALHO EM *PARQUE INDUSTRIAL*

Segunda-Feira. Dos cortiços, pelas ruas do Brás, em direção às fábricas, os operários arrastam-se ao som do apito estridente das chaminés fabris na imensa cidade proletária, para mais um dia de labuta ininterrupta. Sorumbáticos, calçando chinelos e levando os seus instrumentos de trabalho, isto é, os braços e as pernas, essa camada humana compõe o quadro antitético urbano, do início do século XX, dos que são proprietários e dos que são propriedade. Essa pintura modernista, retratada em pinceladas bruscas e rápidas parece realizar-se ao som do samba enredo *Três apitos*, do poeta da Vila Isabel¹⁰:

Quando o apito da fábrica de tecidos vem ferir os meus ouvidos, eu me lembro de você (...) Você que atende ao apito de uma chaminé de barro por que não atende ao grito tão aflito da buzina do meu carro? (...) Você no inverno sem meias vai pro trabalho, não faz fé no agasalho nem no frio você crê; mas você é mesmo artigo que não se imita quando a fábrica apita faz reclame de você. (ROSA, 1933)

O centro do usufruto da mão-de-obra humana até a exaustão é metaforicamente denominado no romance como *penitenciária social*. Ora, penitenciária, grosso modo, é um estabelecimento oficial em que as pessoas recolhidas (réus) são condenadas a penas de privação de liberdade para que ali as cumpram. Isto é, ficam reclusas, detentas, prisioneiras por cometerem o “crime” de não possuir bens materiais. Essa é a sanção imposta por lei para punição. Os empregados da fábrica, à semelhança de escravos, sofrem opressão e martírio, haja vista estarem submetidos à vontade de um senhor e a ele pertencerem como propriedade, no universo do trabalho. Não há nada mais cruel do que ter que fazer de manhã à noite qualquer coisa que não se deseja. Essa é a visão da fábrica no início do século XX, em que a atenção para a condição dos trabalhadores era quase nula. É um massacre ir ao trabalho. Ir à fábrica é ausência de liberdade.

No caminho da *penitenciária*, alheias à própria miséria, partes das trabalhadoras de *Parque Industrial* alegam-se contando umas às outras os

¹⁰ *Três apitos*, canção e composição de Noel Rosa (1910-1937), escrita em 1933. Retrata parte da sociedade carioca trabalhadora fabril dos anos 30.

romances da véspera e lendo no *Bráz Jornal*¹¹ a página dos namorados, pois é necessário desviar o foco da rotina que consome a maior parte do dia. Todavia, esse contentamento é breve como um vapor que aparece por um pouco e logo se desvanece; é necessária atenção porque as máquinas se movimentam com desespero e o chefe da oficina faz ronda para que nenhuma operária “jogue conversa fora.” O trabalho precisa render.

No início do século XX, a mão de obra operária era encarada como uma mercadoria que devia ser extraída ao máximo o seu valor de uso, isto é, resquícios da mentalidade escravocrata dos finais do século XIX. Isso porque, até antes de 1930, não havia qualquer legislação que, na prática, concedesse o mínimo benefício ao proletariado, seja nas questões referente ao horário da jornada laborativa, seja nas questões de salubridade, de faixa etária ou mesmo salariais. Assim, os regulamentos quanto aos assuntos trabalhistas ficavam a cargo de cada empreendimento capitalista.

Afirmamos que não houve *na prática*, porque três leis foram aprovadas em benefício dos trabalhadores, muito a contragosto dos industriais, todavia, não se efetivaram. São elas: Lei de Acidentes de Trabalho (1919); Lei de Férias (1925) e o Código de Menores (1927). As duas últimas eram ignoradas porque os industriais descumpriam as normas legais. O sofrível argumento quanto à Lei de Trabalho Infantil era o favor que o capitalista fazia ao afastá-lo das ruas e do possível risco da criminalização pelas crianças:

A lei que limita o trabalho de menores pode ser, em teoria, defensável, mas praticamente em nosso país é absurda e criminosa (...) Os menores precisam de tutela, mas não essa tutela da vadiagem, da criminalidade, que é o que esta lei faz tirando os menores do trabalho, para fazê-los perambular pelas ruas. (LUCA, 2001, p.41,42)

Semelhantemente, a retórica sofística se repete acerca da Lei de Férias de uma maneira até poética, a fim de convencer o interlocutor acerca do benefício não só do trabalho, mas também do proprietário como tutor, responsável pelo trabalhador:

¹¹ Fundado em 20/10/1895, o *Jornal do Brás* é herdeiro das tradições pela Família Bairão, cujo patriarca Albino Soares Bairão foi o fundador do primeiro jornal de bairro de São Paulo, de nome *O Braz* em 1/9/1895.

Que fará um trabalhador braçal durante quinze dias de ócio? Ele não tem o culto do lar, como ocorre nos países de climas inóspitos e padrão de vida elevado (...) O lar não pode prendê-lo e ele procurará matar as suas longas horas de inação nas ruas. A rua provoca com frequência o desabrochar de vícios latentes e não vamos insistir nos perigos que ela representa para o trabalhador inativo, inculto, presa fácil dos instintos subalternos que sempre dormem na alma humana, mas que o trabalho jamais desperta. (LUCA, 2001, p.42)

Ao assumir o Governo Provisório, Vargas criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em 1931; em 1932 foi autorizada a jornada de trabalho de 8 horas diárias e 48 horas semanais. Parece ser o início de uma atenção voltada para a classe trabalhadora, mas mesmo com a criação de leis voltadas para os empregados do comércio e da indústria, o capital falava mais alto e o cumprimento dessas obrigações não acontecia. Segundo o censo de 1920, perto da metade dos operários têxteis do país eram mulheres e crianças com menos de 14 anos. Em 1928, o jornal *O trabalhador Gráfico* denuncia a situação aviltante dos trabalhadores fabris:

(...) com os ordenados ridículos e mesquinhos, que nem chegam para a alimentação, aguenta o operário os mais duros trabalhos físicos. Nunca pode comprar um terno completo. Comprando um paletó, a calça não presta; comprando um chapéu, os sapatos já não servem mais. Quantos operários andam sem roupa de baixo, sem meias e sem sapatos. A maioria anda de chinelos. É o cúmulo! (LUCA, 2001, p.24)

Não só a condição laboral dos trabalhadores era minguada, mas também a habitacional. O jornal *Fanfulla*, da colônia italiana, revela a situação dos cortiços nos princípios do século XX:

No Cambuci, em qualquer quarteirão do Brás, do Bexiga, do Bom Retiro, da Ponte Grande, onde à noite se recolhe todo o exército de quem trabalha e produz, as moradias coletivas e os cortiços se transformam em verdadeiros pombais humanos, onde se vive uma promiscuidade de gente e de sexos. (LUCA, 2001, p.31)

O ambiente insalubre, com pouca luz, aliado a uma vida de exploração pelo trabalho de sol a sol, bem como a péssima qualidade alimentar, contribuía para que a saúde desses trabalhadores estivesse constantemente em risco. Essa realidade

documentada, de ordenados mesquinhos, de trabalhos físicos exaustivos e da vivência em estalagens “onde moram os excluídos, os humildes, todos aqueles que não se misturavam com a burguesia” (AZEVEDO, 1998, P. 45) é o cotidiano das principais personagens de *Parque Industrial*.

Rosinha Lituana, personagem que tipifica a mão de obra imigrante do início do século XX, transferiu-se com a família indigente da Lituânia para o Brasil em razão da guerra e também ludibriados pela política de atração de imigrantes pelos Senhores do Café, que se valeram disso para reagir à extinção do tráfico negreiro. Segundo Luca (2001), “Os cafeicultores, interessados em manter os salários baixos, constantemente reclamavam a falta de braços para a lavoura e promoviam a entrada de imigrantes numa escala muito superior às suas reais necessidades”.

Essa grande quantidade de trabalhadores desesperançados, figurados no romance pela família de Rosinha, prostituíam a sua mão de obra para a lavoura e para a indústria urbana, o que possibilitava aos senhores e aos industriais reduzir os gastos salariais e impor condições de trabalho extremamente duras, a ponto de comprometer a saúde do operário. Necessário ressaltar também que, no contingente de trabalhadores do início do século, faziam parte mulheres e crianças, que recebiam salários menores que o dos homens. Somente em 12 de dezembro de 1930, é restringida a entrada de imigrantes no Brasil, medida que vigorou até 1933,



Fig. 1. Família inteira de imigrantes trabalha em cafezal no interior de São Paulo.

para evitar o aumento do número de desempregados.

Nesse íterim, o pai, a mãe e a filha Rosinha despendem seus esforços nas grandes fazendas de “ouro verde” de São Paulo; todavia, não bastava aos senhores se apossarem da labuta de uma família, incluindo uma criança; o homem da casa desejava a mãe de Rosinha. Em

razão disso, o clã lituano tenta fugir, porém o pai é pego e amarrado: “Vira seu pai pela última vez, de um capinzal alto. Escondida e assustada. Ele fora amarrado como um touro e reconduzido ao feudo moderno” (GALVÃO, 2006, p.93). As duas mulheres debandam e, sozinhas e na penúria, chegam ao Brás. Esse abuso para com a mulher, seguido da fuga da família e a conseqüente “caça” ao empregado

revoltado, denota uma extensão do sistema escravista, à medida que os imigrantes não possuem o livre arbítrio de permanecer ou não no trabalho. A mãe falece e a menina, aos doze anos, começa a trabalhar em uma fábrica de teares. Com a revolta latente no peito por tudo o que lhe acontecera, Rosinha passa a compreender o processo de luta de classes, conhece o sindicato e deposita a esperança no Partido Comunista. Ao ser questionada por uma colega da fábrica sobre o que a classe deles, isto é, os operários, devem fazer a respeito da própria situação, Rosinha explica o mecanismo de exploração capitalista:

- O dono da fábrica rouba de cada operário o maior pedaço do dia de trabalho. É assim que enriquece à nossa custa! – Quem foi que te disse isso? – Você não enxerga? Não vê os automóveis dos que não trabalham e a nossa miséria? (...) Mas felizmente existe um partido, o partido dos trabalhadores, que é quem dirige a luta para fazer a revolução social. – Os tenentes? – Não, os tenentes são fascistas. – Então o quê? - O Partido Comunista. (GALVÃO, 2006, p.21)

Aqui Rosinha intenta despertar o senso crítico da colega trabalhadora acerca do grande abismo que os separa do mundo burguês e a razão dessa discrepância. Segundo Marx (2010, p.35), “O desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, corresponde, na mesma proporção, ao desenvolvimento do proletariado, da classe dos operários modernos que só sobrevivem à medida que encontram trabalho, e só encontram trabalho à medida que seu trabalho aumenta o capital”. Esse proletariado é a classe dos operários assalariados modernos que, não possuindo meios próprios de produção, reduzem-se a vender a força de trabalho para poderem sobreviver. O opressor e o oprimido sempre estiveram em constante oposição e o processo de subdivisões hierárquicas é tão antigo que as pessoas que nascem no sistema capitalista de produção raramente desenvolvem o senso crítico a respeito da própria condição opressa. Os que o desenvolvem, como Rosinha, é porque sofreram o ápice da exploração física e moral e têm que fazer escolhas: ou permanecem na situação indigna de homem ou procuram salvar a si, enquanto ser humano, por meio da revolta coletiva:

O dinheiro é o deus deste mundo. O burguês toma o dinheiro do proletário, e deste modo faz dele um ateu. Por conseguinte não é para admirar que o proletário ponha o seu ateísmo em prática não respeitando nem a santidade nem o poder do deus terrestre. E quando a pobreza do proletário cresce a ponto de privar do mínimo vital indispensável, desembocando numa miséria total, a tendência para o desprezo por toda a ordem social cresce ainda mais. (ENGELS, 1985, p. 135)

Na *práxis social*, o homem é proprietário e trabalhador e, na pirâmide do sistema econômico humano, há os que são donos de propriedades e outros bens e os que nada possuem de posses ou patrimônios materiais, a não ser a força de trabalho e, por isso, tem que vendê-la para sobreviver. Portanto, a força de trabalho do operário, que é o único elemento vendável que ele possui, é uma mercadoria, isto é, tem valor de uso e valor de troca, haja vista o trabalhador não ser o dono dos próprios objetos que produz.

Rosinha tem parcial consciência da alienação em que vive. Vale-se do trabalho para sobreviver, mas almeja alterar o sistema. Sabe que o seu trabalho não exige grande qualificação e crê que em sua própria classe estão os homens que empunharão as armas para pleitear contra a burguesia. O trabalho nos teares, em que Rosinha compõe o quadro de funcionários, tem na máquina o aparato central e, por isso, deixa de ser atrativo para o empregado porque o próprio trabalho nessas condições perdeu o caráter de autonomia. O operário é um simples apêndice da máquina e a função que executa é simplificada e



Setor de produção de tear de fábrica de rede, São Bento, PB.

monótona. Assim, na lógica capitalista, quanto mais infame é a função laborativa do empregado, mais o salário decresce, porque a máquina torna-se sujeito e o operador do aparelho vira máquina. Rosinha sabe que a luta que empreende não vai render sucesso imediato, mas compreende que é necessária a união dos operários das diversas indústrias e localidades para que as forças se centralizem e aconteça a luta política. Assim, provocar essa consciência de classe em seus similares é o que empreende a operária Rosinha, por meio da compreensão e semeadura dos princípios comunistas.

No mesmo engajamento militante de Rosinha Lituana, emerge a personagem Otávia, cujo ofício é a costura em um ateliê burguês. Em um café, Otávia encontra a

colega Rosinha que perdeu o emprego na fábrica por se envolver em uma greve. Após uns dias de fome, a lituana passa a trabalhar na Fábrica de Sedas Ítalo-Brasileira. O trabalho mecanizado e autômato das fábricas, além de ser uma rotina perigosa, porque o universo de afazeres do homem se torna limitado, também impossibilita aos trabalhadores o desenvolvimento de um senso de identidade; eles se tornam voláteis porque, no trabalho com a máquina, apenas um mínimo de qualificação é necessária o que faz com que o giro de pessoal de uma fábrica a outra aconteça sem maiores dispêndios.

Otávia e Rosinha vão à sessão sindical operária, a fim de alimentar as demandas da classe e fortalecer o Partido Comunista. Ali, com a presença de policiais, os oprimidos apresentam as suas reivindicações e lamentam a ironia de suas funções laborais: os filhos de um cozinheiro sofrem fome, enquanto ele coze iguarias para os ricos; no mesmo fito um pedreiro, que constrói palácios, mora pior que animais. Um ferreiro acusa um policial de sabotagem e de defender só os próprios interesses em detrimento da conveniência coletiva. De fato, a polícia, embora também trabalhadora, está a favor da burguesia: “- E a polícia? – Quando é que a polícia perseguiu um filho de político?” (GALVÃO, 2006, p.74). Em outra situação, a polícia acoberta a burguesia acerca do delito humano de subtração de crianças dos pais:

Uma burguesa bem vestida achou ele bonitinho no colo da irmã. Desceu do automóvel e levou ele...Ontem de tarde. Alfredo se interessa, interroga: - Foram à polícia? – O pai foi, mas o delegado da Ordem Sindical disse que a criança está melhor na casa dos ricos! (GALVÃO, 2006, p.103)

A grande ironia é que as próprias esposas dos policiais participam das lutas proletárias em prol dos seus direitos e contra a exploração que sofrem da burguesia, para a qual os maridos trabalham: “O soldado de luto é um dos que vão na vanguarda. Vê a toda a hora surgir em sua frente a companheira no meio das mulheres exaltadas. Subitamente empina o cavalo, se distancia. Fica para trás... – Minha mulher está aí. Vê em quem vamos pisar!” (GALVÃO, 2006, p.114). A situação dos indivíduos da força pública versus suas esposas nos remete ao discurso bíblico de que “Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá.”¹² Quando a divisão

¹² Evangelho de Mateus 12:25.

acontece entre os “cabeças” da casa, isto é, o homem e a mulher, fatalmente haverá desolação. Isso revela que o sistema está generalizadamente corrompido, afetando até a vida íntima das pessoas.

De fato, a polícia, os presídios, algumas vertentes religiosas e até o núcleo familiar, de modelo burguês, reproduzem a lógica capitalista de dominação do Estado e, ironicamente, isso se dá por meio dessas próprias pessoas que são exploradas e utilizadas como meio pelo sistema de dominação. Assim, a atividade policial, como descrita em *Parque Industrial*, se configura como alienada, à medida que o sujeito da ação parte do princípio de apenas exercer a sua função sem questioná-la e de se relacionar com a atividade de seu trabalho como um objeto estranho. Consequentemente, menos esse trabalhador pertence a si mesmo e mais ao aparato ideológico capitalista.

É carnaval no Brasil. Ao som das marchinhas dos anos trinta, entusiasmados pelo colorido dos confetes e das fantasias, os foliões alegam-se pelas ruas do Brás e entretem-se bolinando as meninas, embalados pelo êxtase do lança-perfume. É o momento dos deleites e dos prazeres da carne. Enquanto o povo brinca, pula, bebe e namora, animados pela festança *Panem et circenses*, a grande massa oprimida não pensa em uma revolução para contestar o sistema vigente. A burguesia aprova a folia, porque é necessária uma válvula de escape para aliviar as tensões sociais dos oprimidos e o fardo da vida, a fim de que a massa não se revolte.

Aqui se encontra Pepe, o caixeiro de camisaria. Gosta de Otávia e frequentemente a convida para sair. Ao encontrá-la no bonde, insta: “- Você vai hoje no Mafalda? É sessão das moças. Dão o Ricardo Bartélmis! – Não posso. Trabalho de noite.” (GALVÃO, 2006, p.27). No fuzuê do carnaval do Brás, novamente Pepe procura Otávia: “- Por que você não vem no Almeida Garret? Você quer viver que nem uma velha! Você pode sim. Mas não quer vir junto comigo!” (GALVÃO, 2006, p.47). Otávia não aceita o convite por estar envolvida em questões de militância. Enquanto a prole está entorpecida no meio dos confetes, ela e Rosinha estão mimeografando manifestos:

- Não posso ir, Pepe. Você parece um burguês satisfeito. A sua falta de compreensão trai a nossa classe. Eu é que não posso me desviar da luta para brincar no carnaval. (...) Otávia desaparece na porta escura. Rosinha Lituana, lá dentro, mimeografa manifestos. Otávia começa a dobrar. (GALVÃO, 2006, p.47)

Pepe, o caixeiro, não problematiza o seu trabalho, como o fazem Otávia e Rosinha, e nem demonstra a mínima volição de alterar o sistema por meio da revolução comunista. Acomodou-se às circunstâncias e tornou-se um indivíduo sem senso de narrativa histórica. Essa acomodação à rotina não leva os homens a se revoltarem, mas contribui para o esvaziamento do ser humano como agente de transformação social. Mais tarde, Pepe trai a sua classe ao denunciar Rosinha como uma das cabeças da greve em troca de dinheiro, razão pela qual ela é presa e deportada. Além disso, o caixeiro Pepe é um indivíduo pernicioso para sua classe, pois pelo próprio cinismo e ausência de consciência revolucionária, acabou tornando-se suscetível aos interesses da burguesia: “No gabinete entre secretas, estão alguns vendidos. Pepe aproxima-se. – O senhor me prometeu que dava mais. – Você não adiantou nada. Diga quem começou...os nome... – Já disse. A Rosinha Lituana. (...) Pega nervosamente os déz mil-réis que o inspetor lhe joga.” (GALVÃO, 2006, p.91). Pouco tempo depois, Pepe perde o emprego e passa a fazer pequenos biscates, como cafetão. O ex-caixeiro figura o indivíduo *lumpemproletário*¹³ teorizado por Marx que, a semelhança de uma marionete, está à mercê da burguesia devido à sua degradação física e psicológica, sendo, portanto o rebotalho do proletariado. Marginalizado e agora envolvido com a prostituição, intensifica-se o processo de alienação desse indivíduo; por isso, segundo a ótica marxista, esse elemento é

¹³ A caracterização e conceituação do termo *lumpemproletário* está esparsa pela obra marxiana. Apresentaremos aqui a exemplificação em *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* (1974) e em *Manifesto do Partido Comunista* (2010). No primeiro, Marx analisa a política francesa, à luz do materialismo histórico e o processo de luta de classes. Aqui ele apresenta o *lumpemproletariado*, cuja tradução do alemão *lumpenproletariat* significa homem trapo: “[...] Lado a lado com roués decadentes, de forma duvidosa e de origem duvidosa, lado a lado com aventureiros rebentos da burguesia, havia vagabundos, soldados desligados do exército, presidiários libertos, forçados foragidos das galés, chantagistas, saltimbancos, lazzarani, punguistas, trapaceiros, jogadores, maquereaus (alcoviteiros), donos de bordéis, carregadores, literati, tocadores de realejo, trapeiros, amoladores de faca, soldados, mendigos – em suma, toda essa massa indefinida e desintegrada, atirada de ceca em meca, que os franceses chamam la bohème; com esses elementos afins Bonaparte formou o núcleo da Sociedade de 10 de Dezembro. “Sociedade beneficente” no sentido de que todos os seus membros, como Bonaparte, sentiam necessidade de se beneficiar às expensas da nação laboriosa; esse Bonaparte que se erige em chefe do lumpemproletariado, que só aqui reencontra em massa, os interesses que ele realmente persegue, que reconhece nessa escória, nesse refugio, nesse rebotalho de todas as classes a única classe em que pode apoiar-se incondicionalmente, é o verdadeiro Bonaparte, o Bonaparte sans phrase.” (MARX, 1974, p. 373). Na segunda obra, o *lumpemproletariado* é descrito pejorativamente por Marx e Engels como: “essa putrefação passiva das camadas mais baixas da velha sociedade, é aqui e ali arrebatado no movimento pela revolução proletária, mas toda a sua situação o predispõe a vender-se para maquinações reacionárias”. (MARX & ENGELS, 2010, p.42)

supérfluo, uma vez que dificulta o processo de resistência do proletariado organizado.

No meio do festim do Brás, encontra-se Corina, cuja trajetória lastimável é a caricatura do subproletariado, que cai em profunda desgraça a ponto de oferecer o seu corpo em troca de um sanduíche de mortadela. Trabalha como costureira no mesmo ateliê que Otávia. O ofício de Corina, assim como o de Otávia, consome a maior parte do dia, além do serão obrigatório, sob ameaça de demissão, pela tarefa que não foi possível realizar no expediente diurno. A maior parte do trabalho se reduz a gestos mesquinhos, repetitivos e mecânicos e as necessidades humanas não são levadas em conta pelo capitalista. No meio do vapor das máquinas de costura e dos dedos picado de agulhas, as operárias não têm a opção de descobrir novas funções ou de desenvolver um trabalho que possibilite o pensar intelectual, para que o empregado se sinta o mínimo sujeito da função. Isso embrutece o caráter e as emoções, o que torna o homem animalizado:

E a condenação a um tal trabalho, um trabalho que absorve todo o tempo disponível do operário, mal lhe deixando tempo livre para comer e dormir, nem lhe permitindo fazer exercícios ao ar livre e gozar a natureza, sem falar na atividade intelectual, será que poderá deixar de rebaixar o homem à condição de animal? Mais uma vez, o trabalhador só possui uma alternativa: submeter-se à sua sorte, tornar-se um “bom” operário, servir “fielmente” os interesses da burguesia e, neste caso, cai na condição de animal, ou então resistir, lutar tanto quanto possa pela sua dignidade de homem, o que só lhe é possível lutando contra a burguesia. (ENGELS, 1985, p.139)

A situação deplorável em que Engels retrata a classe trabalhadora da Inglaterra no século XIX, berço da Revolução Industrial, é muito similar à condição do operariado fabril brasileiro do início do século XX. Homens condenados a trabalhos autômatos, alienados, sem o direito de fazer a mínima interferência que transcenda a sua área de execução; sujeitos a riscos no trabalho, além da precária alimentação que os deixava suscetíveis a doenças, bem como o lastimável sistema habitacional que, na Inglaterra, designavam *Cottages* e no Brasil, cortiços.

A personagem Otávia encontra-se na condição de lutar pela *dignidade de homem*, conforme nos apresenta o revolucionário alemão, pois dedica as suas forças a militar contra a burguesia e a favor dos direitos da prole, pois *não tem nada a perder, exceto os próprios grilhões*. A mulata Corina, por sua vez, está em situação subanimalizada, haja vista passar por um processo de profunda degradação humana até chegar à condição de indigente. A costureira não

problematiza o seu trabalho e também não se identifica com a militância de Otávia pela causa comum: “Corina é a única isolada, de olhos fechados. A cabeça pintada, na boina azul. Acha pau o proselitismo das outras”. (GALVÃO, 2006, p.26).

Vive com uma mãe subalterna e um padrasto alcoólatra que, além de bater na mulher, rouba o dinheiro da enteada para sustentar o vício. Corina sofre fome, e este é um fio que perpassa toda a sua trajetória. Sai com o amante burguês Arnaldo e aproveita para fartar o estômago queimando de jejum. Nesse ínterim, engravida do amante e torna-se objeto de chacota nas ruas, pelos similares que a chamam de *puta*. É expulsa de casa pelo padrasto alcoólatra e, na fábrica, as costureirinhas desdenham da situação da mulata. Tal como em relação aos animais desprovidos de razão, a madame do ateliê levanta o chicote e ameaça a desgraçada a abortar se quiser manter o emprego: “Abortar? Matar o meu filhinho? A cabeça em reboição. As narinas se acendem. – Sua safadona! Então, vá se raspando. No meu ateliê há meninas. Não posso misturá-las com vagabundas”. (GALVÃO, 2006, p.51).

O jugo do sistema sobre os miserando se configura como um assassinato social, ou seja, é um crime dissimulado e que não escancara a face, mas está ocultado sob a máscara de toda a sociedade dominante; assim, a consequente degradação do indivíduo parece algo natural. Corina não tem onde reclinar a cabeça, não tem salário, consequentemente a saúde será atingida e a degradação será fatal. Compadecida, Otávia acolhe a colega em sua casa e intenta alertá-la acerca da ilusão quanto ao amante burguês:

- Corina, você não percebe quem é o Arnaldo? (...) – Ele nunca se casará com você. Ele não terá a coragem de procurar uma esposa fora de sua classe. O que ele faz é só seduzir as pequenas como você que desconhecem o abismo que nos separa dele. (GALVÃO, 2006, p.52)

Otávia estava certa; o burguês, ao saber da gravidez de Corina, a abandona sem dó. Desequilibrada devido ao acontecido, a mulata passa a beber, a fumar e a prostituir-se para sobreviver e nessa atividade contrai doenças venéreas. Ao ter o filho, a criança nasce com graves problemas e Corina teme o destino que o pequeno terá: “As indigentes preparam os filhos para a separação futura que o trabalho exige. As crianças burguesas se amparam desde cedo, ligadas pelo cordão umbilical econômico”. (GALVÃO, 2006, p.63). A mulher é reprodutora de mão de obra para o capitalismo e o rebento já nasce destinado ao serviço braçal. Aqui, Corina lembra a

Mulher Proletária (Anexo B),¹⁴ do poeta Jorge de Lima que, na condição de máquina humana fornece anjos para o Senhor Jesus e braços para o senhor burguês. Todavia, o fruto da proletária não servirá ao senhor burguês; está morto, vítima de infanticídio. Aprofunda-se, então, a degradação da moça que, reduzida a um farrapo humano e sem identidade, é presa junto com outras marginalizadas, piolhos e pulgas.

Ao sair da prisão, a desnorteada Corina perambula pelas ruas do Brás e apela novamente à prostituição para não morrer de fome. A situação degradante e de autoabandono em que se encontra a mulata, típica, assim como Pepe, o elemento *lumpemprotelário*, produto do sistema capitalista e que, destituído de consciência política e de classe, acaba em extrema pauperização. Mesmo vendendo o seu corpo, não consegue garantir o mínimo para a sobrevivência. A mulata está fadada a cair na mendicância.

No terraço do edifício social está o burguês Alfredo. Vive em uma área nobre da cidade e namora uma moça simples do Brás, Eleonora, com quem posteriormente se casa. Gosta da normalista mesmo sabendo que a sua riqueza é elemento de atração. Porém, qual não foi a sua surpresa ao constatar o deslumbramento que a vida burguesa causou na jovem!

Filha de um amanuense e de uma dona de casa, Eleonora representa a moça casadoura que, interessada em um moço rico, anseia sair da condição de pobreza e ascender à burguesia, cuja representatividade está em Alfredo. Normalista, estuda para ser professora: “Os pais querem que as filhas sejam professoras, mesmo que isso custe comer feijão, banana e broa todo o dia.” (GALVÃO, 2006, p.35). Mesmo estudando para lecionar, não tem esperança no trabalho professoral para ascender socialmente e/ou angariar os luxos da vida burguesa, a qual idealiza, mas sim no casamento por interesse com um homem de posses. Nesse propósito, vale-se da virgindade para segurar o noivo: “Ela nunca pensara em ceder completamente. Lhe daria tudo, menos a virgindade. Assim, ele se casaria. Ela não seria trouxa como as outras.” (GALVÃO, 2006, p.39). Mas, sob a insistência de Alfredo cedeu e, contra todas as suas esperanças, ela e o moço casaram.

Eleonora, ao contrário de Otávia que Rosinha, que têm ojeriza da classe que as explora, realiza o sonho de *passar com ele as portas de ouro da grande*

¹⁴ O poema *Mulher Proletária*, de Jorge de Lima, encontra-se em anexo.

burguesia. Nesse meio, há toda a sorte de corrupção, hipocrisia e promiscuidade: “Capitalistas seduzem criadas. Condessas romanticamente amam tratadores de cavalos. (...) A burguesia combina romances medíocres. Piadas deslizam do fundo dos almofadões. – Como não hei de ser “comunista”, se sou moderna?” (GALVÃO, 2006, p.41) É com esse universo que a normalista do Brás está maravilhada, pois além de poder adentrar o clube da alta sociedade e consumir artigos de luxo, também não precisará comer o pão com o suor do próprio rosto, como o fazem as antigas vizinhas do Brás. O trabalho, para Eleonora, não representa uma atividade que alimenta uma motivação pessoal, mas sim está intimamente ligado ao universo que ela rejeita e o qual presenciou em boa parte de sua vida: o jugo do operariado fabril do Brás e o serviço desprezível de seu pai em uma repartição pública.

Alfredo, por sua vez, nasceu em “berço de ouro”, mas abomina a sociedade parasita na qual vive. Passa a ler textos marxistas e interessar-se pelo processo de luta de classes. Nesse ínterim, conhece a operária Otávia que vai ao esplanada levar uns vestidos para Eleonora. Travam uma conversa sobre as classes sociais:

É costureira? – Sou aprendiz. Um silêncio. O que você acha de sua profissão? Está contente? – Estou. – Eu sou rico mas me interesso pela sua classe...por você... Ela pensa em Corina. Todo burguês é assim mesmo. (...) – Você pensa que eu estou querendo abusar de uma trabalhadora? Engana-se. Pessoalmente você não me interessa...é a sua classe... – Claro! Somos nós que lhe damos este luxo! – Você se engana...Este conforto me pesa. (GALVÃO, 2006, p. 56)

Na vida burguesa, Alfredo não exercia nenhuma função laborativa. Ocupava seu tempo frequentando festas, restaurantes caros, fumando charutos, lendo. Com a consciência em crise, fruto do estímulo pelas leituras marxistas, abandona radicalmente a vida burguesa e se proletariza: “Alfredo? Poderia acreditar? Estariam iludidos os companheiros? Aquele grande burguês do Esplanada!” (GALVÃO, 2006, p.99) Separa-se de Eleonora, que representa a burguesia e aproxima-se de Otávia, que figura a vida proletária idealizada. Engatam um namoro após Otávia ser solta da prisão de Dois Rios¹⁵, onde ficou por seis meses em razão da militância, e vivem por pouco tempo em comum a vida proletária. Pela primeira vez, Alfredo trabalha:

¹⁵ A Colônia Penal Cândido Mendes, popularmente chamada de presídio de Dois Rios, no Rio de Janeiro, tornou-se conhecida por abrigar presos políticos famosos, como Graciliano Ramos, Orígenes Lessa, Fernando Gabeira, Nelson Rodrigues, Luís Carlos Prestes, entre outros. Era apelidado de Caldeirão dos Infernos devido ao rigor do trato com os presos.

Na oficina estridente, Alfredo dá o grande passo anônimo de sua vida. Veste a blusa escura que sempre romanticamente ambicionara e que agora a sua ideologia e a sua situação econômica autorizam e indicam. O fogo vermelho lhe ensopa o corpo de suor laborioso e feliz. Finalmente é um proletário. (GALVÃO, 2006, p.107)

O comportamento de Alfredo até desperta certa hilaridade: à semelhança do Apóstolo Paulo que, de perseguidor dos cristãos passa a ser perseguido¹⁶, Alfredo, de capitalista moderno e empregador de trabalho assalariado, passa a operário assalariado, despossuído dos meios próprios de produção. E por sua vontade. O uniforme proletário que veste é o símbolo da nova identidade e o desgaste físico e o suor laborioso, proporcionados pelo trabalho, são encarados de maneira otimista pelo então operário. Por meio dos seus estudos teóricos, Alfredo sabe que o trabalho braçal nas fábricas é uma atividade alienada, à medida que o objeto de trabalho que ele produz não pertence a ele, mas ao dono da fábrica em que ele derrama o seu suor. Entretanto, conhece os mecanismos teórico-intelectuais para modificar a situação e que, na prática, culminarão na revolução proletária. Não é a função laborativa em si mesma que satisfaz Alfredo, mas a ideologia que está por detrás dela e a qual o fizeram abandonar os champanhes e os caviars para seguir.

Nas reuniões sindicais dos camaradas, como “nem tudo o que reluz é ouro”, os proletários orgânicos farejam traços burgueses no jovem prosélito. Está comprovado: Alfredo pende para um socialismo burguês e em nome da militância, Otávia rompe com o amigo. Isso significa que a revolução genuína só pode partir do seio do proletariado, pois essa é a única classe realmente revolucionária; logo, é impossível à burguesia libertar os grilhões da prole, pois vive e pensa em dimensões muito díspares. Sobre o socialismo burguês, Marx; Engels (2011, p. 74) afirmam:

Uma parte da burguesia deseja remediar as anomalias sociais, a fim de garantir a manutenção da sociedade burguesa. Pertencem a essa fração: economistas, filantropos, humanitários, agentes melhoradores da situação das classes trabalhadoras, organizadores de obras beneficentes, protetores de animais, fundadores de ligas antialcoólicas, reformadores ocasionais os mais diversos.

¹⁶ O apóstolo Paulo, outrora fariseu, doutor da Lei judaica, e perseguidor dos cristãos, os quais considerava hereges, converte-se à fé cristã e passa a ser perseguido em razão disso. Suportou açoites, prisões e perseguições em razão da nova fé. (Atos 8:3; Atos 9).

A ideologia revolucionária de Alfredo diferia da seguida pela massa proletária; pedia para o socialismo burguês que não é revolucionário, mas conservador. Os adeptos dessa corrente defendem não mais seus interesses presentes, mas seus objetivos futuros; abandonam o seu próprio ponto de vista para assumir o do proletariado; logo, pretendem melhorar parte da sociedade sem sujeitar-se às lutas e perigos que uma revolução eficaz exige. Assim, esse socialismo burguês é uma mera figura retórica que não modifica realmente a sociedade. Ou seja, os burgueses são burgueses no interesse das classes trabalhadoras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “Representação discursiva do universo da tecnologia e do trabalho em textos literários e de comunicação”, linha do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – PPGTE – área interdisciplinar da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, é a grande área de concentração da pesquisa que aqui se empreendeu. Deram-se, portanto, continuidade aos estudos de Iniciação Científica da proponente deste Trabalho de Conclusão de Curso, juntamente com sua orientadora, em mais uma obra da literatura brasileira, marcada fortemente pelo universo do trabalho: *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão.

Encantada com a ideologia marxista, Patrícia Galvão dá vida a *Parque Industrial*, obra panfletária em que a autora escancara a sua visão de mundo e o desejo de mudar os rumos políticos de seu tempo. O primeiro romance proletário brasileiro, como é conhecida a obra de Pagu, apresenta os três grandes elementos da vida humana: trabalho, tecnologia e sociedade. O trabalho é o fio que costura o romance da primeira a última página, entrelaçado ao universo tecnológico maquinístico das indústrias fabris, bem como à forte questão social ali presente, isto é, a opressão do operário sob o jugo da mão capitalista, e a conseqüente luta de classes, especificamente no proletariado feminino de São Paulo na década de 30.

Estudar as relações de trabalho, portanto, é assunto socialmente relevante, uma vez que a problemática da acumulação de riquezas nas mãos de poucos e a conseqüente miséria de muitos é um assunto que não se esgota; impossível manter-se neutro frente a isso. Ademais, a partir de um olhar crítico e questionador sobre essa temática nos registros escritos, pode-se compreender melhor o passado e o mundo contemporâneo. Por isso valeu-se aqui de *Parque Industrial*, documento considerável para se perquirir e problematizar a representação discursiva do universo do trabalho.

Nesse passo, adotaram-se as reflexões de Marx (1975) e Engels (1990) que, em conjunto, problematizaram o mundo do trabalho e produziram obras destinadas a compreender a força motriz do capitalismo e das relações de trabalho, este último, concebido como elemento mediador entre o homem e a natureza e também como forma através da qual o homem relaciona-se e interage com o meio no sentido de constituir a sua própria condição de existência.

No “Manifesto Comunista de 1848”, Marx e Engels enfatizam que só o proletariado é a classe realmente revolucionária. Apresenta aos trabalhadores a causa da miséria e opressão em vivem, que é o sistema capitalista, e os incita a tomar a foice e o martelo e lutar para implantar o sistema comunista. Em semelhante escopo, Pagu dá à luz *Parque Industrial*.

No romance há personagens que são isentos de consciência de classe e/ou de reflexão sobre a própria miséria e há os militantes pela causa proletária, que se esmeram na tentativa de fazer seus semelhantes enxergar o quão oprimidos estão pelo capitalismo e a necessidade de eles, unidos, transformarem o mundo por meio da *praxis revolucionária*. Aqui estão Rosinha Lituana e Otávia.

A primeira é imigrante da Lituânia; trabalhou, quando criança, com a família nos cafezais de São Paulo, em um contexto semi-escravo, uma vez que, além de explorados, os imigrantes não possuíam o livre arbítrio de permanecer ou não no serviço. Posteriormente, trabalha em uma fábrica de tecidos, em que o maquinário é o aparato central e o operário é um simples apêndice da máquina e a função que executa é simplificada e monótona. Portanto, a força de trabalho do operário, que é o único elemento vendável que ele possui, é uma mercadoria, isto é, tem valor de uso e valor de troca, haja vista o trabalhador não ser o dono dos próprios objetos que produz.

Otávia, por sua vez, trabalha em um ateliê de costura. O trabalho mecanizado e autômato nas máquinas de costura, além de ser uma rotina perigosa, torna o universo de afazeres do homem limitado e também impossibilita aos trabalhadores o desenvolvimento de um senso de identidade. Apresenta parcial consciência do trabalho medíocre que executa e deseja alterar o sistema por meio da revolução comunista.

A polícia, aparato ideológico do Estado, está a serviço da burguesia e reproduz a lógica de dominação capitalista. Configura-se como ofício alienado, à medida que o sujeito da ação parte do princípio de apenas exercer a sua função sem questioná-la e de se relacionar com a atividade de seu trabalho como um objeto estranho. Consequentemente, menos esse trabalhador pertence a si mesmo e mais ao aparato ideológico capitalista.

Pepe, caixeiro de camisaria e Corina, costureira tipificam os indivíduos lumpemproletários. Ambos não problematizam o próprio trabalho e nem demonstram a mínima volição de alterar o sistema. Posteriormente, Pepe é despedido, trai a

própria classe e passa a fazer pequenos biscates, como cafetão. Corina, de costureira fabril, aprofunda-se no processo de degradação humana. É despedida devido à gravidez, prostitui-se, executa infanticídio, é presa. Segundo Marx, esses indivíduos, a semelhança de marionetes, estão à mercê da burguesia, devido à sua degradação física e psicológica; são, portanto, o rebotalho do proletariado. Marginalizados e agora envolvidos com a prostituição, intensifica-se o seu processo de alienação.

Alfredo Rocha, integrante da burguesia, passa a ler os escritos marxistas e simpatiza com causa operária. Na vida burguesa, não exercia nenhuma função laborativa, ocupava seu tempo em frivolidades. Proletariza-se e veste o uniforme de trabalhador, símbolo da nova identidade; o desgaste físico e o suor laborioso, proporcionados pelo trabalho, são encarados de maneira otimista pelo então operário. Alfredo sabe que o trabalho braçal nas fábricas é uma atividade alienada, à medida que o objeto de trabalho que ele produz não pertence a ele, mas ao dono da fábrica em que ele derrama o seu suor. Todavia, não é a função laborativa em si mesma que satisfaz Alfredo, mas a ideologia que está por detrás dela. Pende para o socialismo burguês que não é revolucionário, mas conservador. Esse comportamento corrobora a teoria marxista de que só a classe trabalhadora orgânica é realmente revolucionária, ou seja, é impossível e burguesia salvar o proletariado.

Por fim, tem-se a personagem Matilde, que representa o universo do “não trabalho”. É normalista, isto é, estuda para ser professora, mas não pensa em exercer a profissão. Anseia sair da condição de pobreza e ascender à burguesia, por meio do casamento de interesse. O trabalho aqui não representa uma atividade que alimenta uma motivação pessoal, mas sim está intimamente ligado ao universo que a personagem rejeita, ou seja, o cotidiano operário fabril do Brás e o serviço desprezível de seu pai em uma repartição pública.

Em *Parque Industrial*, os trabalhadores são a classe dos operários assalariados modernos que, não possuindo meios próprios de produção, reduzem-se a vender a força de trabalho para poder sobreviver. A mão de obra operária era encarada como uma mercadoria que devia ser extraída ao máximo o seu valor de uso, pois o produto do trabalho não pertence ao trabalhador e este só consegue existir se vender a sua força de trabalho. A atividade produtiva, portanto, não é

considerada livre; o indivíduo não tem opção a não ser trabalhar, do contrário, tende a cair na indigência, porque a sua natureza e cidadania lhes são negadas.

Longe de esgotar o assunto, ou ter-se a pretensão de uma conclusão, faz-se aqui um convite para futuras pesquisas e produções textuais sobre o universo do trabalho na literatura brasileira, pois se esta pesquisa incitar discussões acerca da temática em estudo terá cumprido o seu papel. Com este Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação finaliza-se, portanto, mais uma etapa da vida acadêmica e descortina-se outra, nova, muito mais ampla e promissora, no campo do ensino, da pesquisa e da extensão, haja vista a profissão de professor ser de suma relevância para o desenvolvimento do pensamento crítico e intelectual na *práxis* transformadora, tanto do educador quanto do aluno. Assim, nas palavras de Guimarães Rosa: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: FTD, 1998.

BABINEAUX, Maria. *Rosa y Rosinha: Dos etapas en la evolución ideológica y personal de la disidencia en Patrícia Galvão*. Crisolenguas 1.2, Dez. 2008.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentín. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

CAMPOS, Augusto de. *Pagu vida-obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. Crítica e Sociologia. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.

DECCA, Edgar Salvadori de. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe operária na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985.

_____. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. Rio de Janeiro: Global, 1990.

FANINI, Angela Maria Rubel. O universo do trabalho e de sua (des) centralidade nos tempos atuais: uma leitura de capas da obra Manifesto Comunista. In: *Tecnologia e Trabalho: desafios na construção da interdisciplinaridade*. Curitiba: Sindutfpr-PR, 2011.

GALVÃO, Patrícia. *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. São Paulo: Agir, 2005.

_____. (Mara Lobo). *Parque Industrial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GAMA, Ruy. *A tecnologia e o trabalho na história*. São Paulo: Edusp, 1986.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HIGA, Larissa Satico Ribeiro. *As representações da violência em Parque Industrial, de Patrícia Galvão*. Santa Maria. Literatura e Autoritarismo, v. Dossiê, p. Dossiê, 2008, Universidade Federal de Santa Maria. ISSN 1679-849X.

IGLÉSIAS, Francisco. *A industrialização brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LIMA, Jorge de. Mulher proletária. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

LOBO, Luíza. *Patrícia Galvão's Vision of Women's Cooperation in Parque Industrial*. Trabalho apresentado na LASA, em 15-18 Março de 2000, no painel: *De la vida a los textos. Cooperación femenina en la narrativa de las escritoras latinoamericanas de los siglos XIX y XX*.

LUCA, Tania Regina de. *Indústria e trabalho na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

MARX, Karl. A maquinaria e a indústria moderna. In: *O capital*. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.

_____. O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte. In: *Manuscritos Econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1974.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Grijalbo, 1977.

_____; _____. *Manifesto do partido comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

OWEN, Hilary. *Discardable discourses in Patrícia Galvão's Parque Industrial*. Modern Languages Publications Archive. The University of Nottingham, 1996.

POLETTI, Juarez. *Vozes poéticas do mundo do trabalho*. Curitiba: Juruá, 2011.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RODRIGUES, Juliana Borges; AZEVEDO, Luciene Almeida. *Pagu: mulher e intelectual*. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008, São Paulo.

RODRIGUES, Juliana Borges. *Parque Industrial de Patrícia Galvão: engajamento político e projeto estético*. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2009.

SILVA, Valquíria Lima da. *Escrevendo com o corpo: Paixão Pagu e a experimentação revolucionária de Parque Industrial*. 2007. 215f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2007.

VIANA, Priscila Lopes. *Análise discursiva do trabalho feminino em Parque Industrial*. São Paulo. *Revista Intercâmbio*, volume XX: 139-149, 2009. LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.

Fig. 1. Família inteira de imigrantes trabalha em cafezal no interior de São Paulo. Disponível em: <http://novahistorianet.blogspot.com.br/2009/01/aboliconismo-e-imigrao-no-brasil.html>. Acesso em 05/04/2012.

Fig. 2. Setor de produção de tear da fábrica de rede, São Bento, PB. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/3343270/Colecao-Cadernos-EJA-11-Tecnologia-e-Trabalho>. Acesso em: 05/04/2012.

ANEXO A - Capa original de *Parque Industrial*, desenhada e publicada em 1933 por Patrícia Galvão. Representa a estilização cubista de uma fábrica, com os títulos *art déco* recortados à mão sobre o fundo preto e branco.



ANEXO B - LIMA, Jorge de. Mulher proletária. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

Mulher Proletária

Mulher proletária — única fábrica
que o operário tem, (fabrica filhos)
tu
na tua superprodução de máquina humana
forneces anjos para o Senhor Jesus,
forneces braços para o senhor burguês.

Mulher proletária,
o operário, teu proprietário
há de ver, há de ver:
a tua produção,
a tua superprodução,
ao contrário das máquinas burguesas
salvar o teu proprietário.